

# SIMONE DE BEAUVOIR: O CONCEITO DE VIOLÊNCIA DA MULHER NO SEGUNDO SEXO

Vanuza Souza Silva<sup>1</sup>

Em pleno século XXI, qual a importância dos estudos de Simone de Beauvoir sobre os conceitos de mulheres, feminismos e violências? Que contribuições trazem as obras dessa filósofa existencialista e feminista? Se há uma dada retórica que fala diz ser a luta feminista uma luta já envelhecida pelas conquistas que já tiveram o feminino por que foi preciso em pleno século XXI a criação de uma lei com a qual se tenta punir o masculino que violenta a mulher?

1949, cinco anos após a segunda guerra mundial, acontecimento que colocava em questão os nacionalismos dos países que participaram da guerra na Europa, uma autora ainda pouco conhecida na França, Simone de Beauvoir, filósofa e professora, publica *O Segundo Sexo*, um livro ensaístico sobre a condição da mulher, principalmente na França e no qual lança a tese de que a mulher culturalmente foi ensinada a ser o outro, a ser inferior ao homem, sua proposta seria fazer a mulher perceber sua situação histórica para que a mesma encontrasse o caminho da libertação. Leitora de Hegel, o livro em suas longas páginas reproduz a teoria do dominador e dominado. Ao mesmo tempo seguidora da teoria existencialista, a autora vai defender no mesmo projeto de escrita a ideia de que o ser mulher só encontraria sua libertação quando conseguisse se projetar para o fora de si, como defendia a teoria existencialista do seu contexto.

*O que O Segundo Sexo consegue romper, mudar? Que especificidades aquele discurso cria? O que aquele livro descontinua ou singulariza numa França ainda marcada pela violência da guerra? O que uma obra como aquela consegue movimentar e inquietar não somente nos seu meio cultural como em outras culturas? O que consegue no final das contas os escritos daquela autora sobre o conceito de violência?*

Simone de Beauvoir escreveu romances, ensaios e memórias, antes da obra de maior visibilidade, *O Segundo Sexo*, a autora tinha escrito várias obras, dentre elas, A

---

<sup>1</sup> Professora substituta da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB; Doutoranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande-UFCG.

*Convidada* (1943), um romance que trata de um triângulo amoroso no período da segunda guerra, no qual a autora vai mostrando os dilemas, as decepções e ciúmes da protagonista Françoise. **O Sangue dos Outros**, seu segundo romance (1945), no qual a trama trata da história de um membro da resistência, Jean Blomart, que vivenciava os conflitos entre o engajamento social e a liberdade pessoal, livro no qual a teoria da libertação defendida pelo existencialismo vai se fazer presente de forma significativa. O terceiro romance dessa fase é intitulado *Todos os Homens São Mortais*, um romance no qual o personagem principal, o Conde Fosca, que vive na Idade média toma um elixir da imortalidade. O personagem atravessa todas as épocas e chega até a modernidade onde reflete sobre alguns valores humanos, como exemplos, ambição, poder, imortalidade e outros. Antes também do famoso *O Segundo Sexo*, Beauvoir tinha escrito outros ensaios: *Pyrrus et Cineas* (1944) no qual debate que a ausência de Deus, incitou o homem precisa criar projetos existencialistas de ética para alcançar a tão sonhada liberdade, uma liberdade que para existir no indivíduo, precisa ser pensada também no plano coletivo e social; e *Por uma Moral da Ambiguidade*, neste ela escreve com mais clareza o projeto da teoria existencialista, defendendo que na liberdade e somente nela se encontra o princípio da ética e da conduta humana. O último livro, portanto que antecede *O Segundo Sexo* é *América Dia a Dia* (1947) no qual a autora em forma de testemunho narra não só a sua estadia de quatro meses nos Estados Unidos, como também escreve o seu desejo de conhecimento sobre outro continente. Somente com a publicação de *O Segundo Sexo*, Beauvoir consegue afetar os valores de sua sociedade, atingir valores patriarcais de sua cultura, como também de outras culturas, como a do Brasil. Numa sociedade marcada por valores nitidamente patriarcais, desolada por um nacionalismo abalado pelo pós-guerra, Beauvoir ao criticar valores como a guerra e o capitalismo, ocupa um lugar de autoria que será pensado a partir de dois extremos: Ora é percebida por parte de um grupo de mulheres e feministas como o mito de libertação, ora é vista e dita pelos conservadores de direita, como a mulher que estava corrompendo os valores franceses.

Este texto tem como foco o tema da violência em um dos livros mais conhecidos da autora, *O Segundo Sexo*. Nas décadas de 40, Simone de Beauvoir é uma das primeiras mulheres a questionar o lugar biológico das mulheres, ao mesmo tempo em que chamava atenção para o fato de a mulher ser posta numa condição de inferioridade em relação ao masculino. Desse modo, o texto da escritora acaba sendo uma luta contra a violência simbólica e cultural que desfavorecia a mulher.

Dentre os estilos e inúmeras obras escritas, é *O Segundo Sexo* que principalmente no Brasil consegue ser a leitura que irá movimentar as escritoras dos anos 60 e 70 no Brasil. Tal obra escrita num período no qual a França vivenciava as crises de valores como o nacionalismo e em que as práticas comunistas e marxistas de esquerda questionavam muitos dos valores da cultura francesa. A obra de Beauvoir surge nesse espaço de crítica ao próprio nacionalismo francês, de crítica a um do modelo de homem/mulher francês/francesa, de homem/mulher universal.

Os discursos, como diz Foucault, são acontecimentos. No Brasil *O Segundo Sexo* conseguiu ser para as feministas um livro fundamental para a mudança de pensamento, mesmo sendo a cultura brasileira marcada por uma prática política conservadora. Os arquivos, os jornais brasileiros criaram uma dada visibilidade sobre Simone de Beauvoir e seus textos. Lygia Telles, Marlise de Matos Almeida, Alda Mota são nomes de algumas escritoras feministas que nos anos 60 se inspiraram no projeto de escrita de Beauvoir. Em *Três Facetas de uma Escritora* Walnice Galvão escreve:

De Simone Beauvoir sempre vale a pena lembrar que, antes dela e de seus escritos, nada havia para orientar as mulheres em busca de escrita nem quanto a sua condição e à diferença que sua condição implica. Mas se não fosse ela, nem saberíamos que certos assuntos que nos preocupavam eram dignos de reflexão (1999, p. 65)

As escritoras que mencionam Beauvoir como umas leituras fundamentais em sua formação intelectual atribuem à escritora francesa a ideia de que ela desnaturalizou a condição da mulher, no Brasil e no mundo. Para muitas escritoras feministas brasileiras, Beauvoir foi a primeira a discutir gênero, antes mesmo desse conceito ser parte de uma discussão das feministas., isso porque as feministas dividem a história do feminismo em três grandes movimentos, o primeiro em busca do sufrágio universal, localizado nos anos vinte do século XX; a segunda fase nos anos 60 quando há uma luta e questionamento aos valores patriarcais, a conquista da legalização do aborto, da pílula anticoncepcional; e a terceira fase, a que se inicia nos fins dos anos 70 e 80 com a busca pela história das diferenças entre as mulheres e o questionamento ao conceito de gênero, principalmente nos anos 90 pela feminista Judith Butler.

Quando Beauvoir lança *O Segundo Sexo* na França, nos Estados Unidos. Margaret Mead lança *Macho e Fêmea*, com propostas também questionadoras do lugar

do feminino e do masculino, mas diferente de Beauvoir aquela defende a maternidade como afirmação da feminilidade (2000, p. 85). A trajetória de Beauvoir em grande medida explica a visibilidade de suas obras. O engajamento com a política de esquerda até certo momento de sua vida, a forma como escolheu se relacionar com seu companheiro Sartre, expondo um casamento não convencional, as passeatas nas ruas, as lutas em favor das mulheres, inclusive a conquista da legalização do aborto, a mobilização cultural que liderou em Paris, sendo conhecida como aquela que tinha a chave de Paris em suas mãos, a defesa filosófica do existencialismo, fato que a colocava num nível intelectual diferenciado das demais escritoras em vários outros acontecimentos, parecem tornar possível a visibilidade de suas obras, especialmente *O Segundo Sexo*. Beauvoir arranja-se desse modo em diferentes espaços e esses arranjos não são possíveis sem as críticas que os sustentam e que dão visibilidade à autora. Ao analisar uma das polêmicas na França sobre a autora, Chaperon escreve: *Entre os mais ferozes adversários de O Segundo Sexo, que utilizam a ironia e a dissolução para invalidar sua obra (...) se encontram a direita católica e gaulista e a esquerda comunista.* (1999, p. 39) Ainda sobre um dos críticos da obra citada na França a autora cita André Rome, que afirmava nos anos quarenta: *O Segundo Sexo é um manual de egoísmo erótico, recheado de ousadias pornográficas; não passa de uma visão erótica do universo, um manifesto de egoísmo sexual.* (1999, p. 42)

Koselleck ao trabalhar a análise dos conceitos a partir de uma problematização da linguística, mesmo se situando no campo da história social, traz importantes reflexões para pensar essa pesquisa. Para o autor os conceitos carregam uma luta, um embate, mobilizam uma dada forma de sentir o presente, o passado, o futuro. Usando uma citação de Epiteto, ele diz: *De acordo com uma conhecida frase de Epiteto, não são os fatos que abalam os homens, mas sim o que se escreve sobre eles (...)* (1979, p.97)

O autor supracitado enfatiza a importância da constituição da linguagem que nomeia e mobiliza ideias e práticas numa dada sociedade. Teoria que contribui para esse trabalho no sentido de pensar como uma intelectual elabora, recorta, circula dadas ideias, como exemplo, o conceito de violência.

Através do engajamento intelectual e político da autora e de seu companheiro Sartre, muitos conceitos foram atualizados e circulados em suas obras, existencialismo, socialismo, comunismo, corpo, feminino, capitalismo, violência e outros, evidente que não foram criados pelo casal intelectual francês, mas assumem sentidos diferentes quando são defendidos por suas autorias. A discussão de Beauvoir em torno de mulher,

de corpo, de sexualidade ganha outro sentido e reorientam todas as práticas feministas da segunda metade do século XX, inclusive no Brasil, um grupo de feministas na Bahia, fundadoras do NEIM- Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, por exemplo, é criado principalmente a partir da teoria de Beauvoir.

Com Koselleck se torna possível ver, compreender como as palavras ou mesmo conceitos que circulam no cotidiano mobilizam vidas, quando Beauvoir chama atenção para o fato de um mulher oprimida, outras sociedade começam a fundar outras subjetividades feminas, fomentar outras práticas. *O que muda? Que outros sentidos assumem os conceitos de revolução feminismo, de existencialismo e outros na escrita do Brasil?*

Foram, porém, os ensaios de Beauvoir, principalmente a escrita de *O Segundo Sexo* que mobilizou grupos de feministas espalhados pelo mundo, é pois, sobre esse escrito que um número de feminista se apoia, outras, como a pós moderna Judith Butler questiona. Duas questões, porém, divide um grupo de feminista que se apoia na leitura de *O Segundo Sexo*, de um lado as que acreditam que essa obra é revolucionária, que incita a mulher a perceber seu lugar oprimido e que deve sair dessa situação para buscar a libertação. Do outro lado, o grupo de feministas, que defende a ideia de que a mulher em Beauvoir para se libertar precisaria ascender à situação do homem, por isso para esse grupo ela é uma escritora falocêntrica.

A escrita de Beauvoir fala de revolução, de mudança, de violência, de poder, de feminino, de sexualidade e tantos outros conceitos no momento em que escreve, faz circular conceitos que a antecedem, porém, de forma singular os mobiliza (re)criando sua produção de si. Os escritos de Beauvoir não é apenas de uma feminista, feminismo é resultado de uma dada leitura, a luta da autora é um daqueles combates com a história, como uma mulher de letras, combateu o mundo, o seu mundo e serviu de espada para outros combates em outras sociedade e culturas.

Há uma história da história das mulheres. Se até a segunda metade do século XX, não se discutia o sujeito-mulher na história, é com os movimentos feministas localizados principalmente nos anos 70 que se começa a pensar uma mulher-sujeito da história. O debate entre existencialistas, literárias, cria um espaço de reflexão ao lado das militâncias que já não suportavam o silêncio sobre as mulheres na história. Mas Judith Butler, inserida no debate dos anos noventa, posicionando-se contra a crítica marxista, essencialista da história, ressalta a ideia de que é preciso desmontar o sujeito-feminino que desde os anos 70 ronda como um espectro na história das mulheres,

embora já se tenha discutido a ideia das diferenças entre as próprias mulheres. Para Butler urge descaracterizar o sujeito feminino, o sujeito-mulher, é preciso assim desconstruir toda ideia de um sujeito que compões a história das mulheres, ressaltando que *desconstruir não é negar ou descartar, mas pôr em questão e, o que talvez seja mais importante, abrir um termo, como sujeito, a uma reutilização e uma redistribuição que anteriormente não estavam autorizadas* (1998, p.37). Para a autora tomar como ponto de partida o eu mulher, identidade do feminino para análise é normalizar o próprio conceito, significá-lo dentro da norma que o criou. Desse modo, sugere a autora que liberemos a categoria mulheres de um referente fixo, pré-determinado. É preciso dessa maneira, mobilizar os conceitos, quebrar a ideia de uma referência ou significado mulher, mulher-mãe, mulher-escritora e outro.

Se há um medo de que, por não ser mais capaz de tomar como certo o sujeito, seu gênero, seu sexo ou sua materialidade, o feminismo vá afundar, talvez seja interessante examinar as consequências políticas de manter em seus lugares as próprias premissas que tentaram nossa subordinação desde o início. (BUTLER, 1998, p. 36)

Para Butler, a pós-modernidade já é uma questão, veio romper, colocar em crise o paradigma moderno da razão e redirecionar o recorte dos objetos, a direção do que problematizar.. Se ela não traz uma definição exata dos conceitos é porque torna possível a mobilidade dos mesmos para a escritura do diferente, do que ainda não foi possível dizer, já que não opera com a episteme da definição e da certeza. lutas, os sonhos, os desejos de liberdade que foram possíveis ser vivenciados em uma trajetória de vida.

Os escritos de Beauvoir e a extensão de seu pensamento para além de uma discussão feminista nos remetem para outros campos e sugere outras questões. Como uma filósofa existencialista, como uma mulher que nasceu em uma família de costumes conservadores, mas ao mesmo tempo testemunha da própria falência das finanças dos pais, como testemunha de uma sociedade que vivenciou os traumas da guerra, seus escritos fala muito mais do que os traumas de uma mulher, de um gênero. Suas escrituras trazem a preocupação de falar de uma sociedade violenta, violenta com o seu outro. Não são por acaso as viagens e registros dessas viagens de Beauvoir por outros

território, seu deslocamento parece querer mostrar seu processo de desterritorialização, sua fuga, mas ao mesmo tempo sua percepção de mundo diante de uma nação que começa a questionar, daí a crítica por isso ao patriarcado, porque via que ele comandava o mundo, a guerra. É do desejo de liberdade que também escreve Beauvoir.

*O Segundo Sexo* não é a primeira obra da autora, mas é a primeira que inicia uma discussão polêmica na França sobre sexo, corpo, sexualidade, mulher, homem maternidade e outros temas. A obra acima foi dividida em dois volumes, o primeiro *Fatos e Mitos*; o segundo volume *A Experiência Vivida*. Os dois volumes inicia-se estrategicamente com epígrafes de autores antigos e modernos (Pitágoras e Kiekergard) nas quais o tema é a inferioridade da mulher. O início da obra enuncia sua proposta.

No primeiro volume (Mitos e Fatos) a autora discute como a mulher foi pensada em diferentes discursos cientificistas (biologia, psicanálise, marxismo, História, literatura e outros). Em sua obra literária *A Convidada*, a autora já tinha iniciado esse tipo de discussão, a busca da mulher pela liberdade. Já no ensaio mencionado, o trabalho é discutir como a disciplina das ciências humanas criaram um projeto de silenciamento da mulher ao longo da história. A introdução desse primeiro volume talvez seja muito mais persuasiva do que a própria obra, momento em que a autora vai questionando o que é uma mulher, ao mesmo tempo escrevendo a ideia de que um homem não escreveria uma obra como a que a mesma escreve, pelo fato de ao homem já estar tudo quase pronto e dado socialmente, o que mostra a busca pela incitação da plateia, no caso, do *phátos*.

O segundo volume da mesma obra radicaliza o projeto inicial. A famosa frase inicia sua segunda parte da pesquisa: (...) *ninguém nasce mulher, torna-se mulher*. (1980, p. 9) Este é o momento de crítica ao projeto epistemológico que definiu a mulher como o outro do homem. Nesse momento a autora vai argumentando a ideia de que a mulher enquanto o outro do homem é um aprendizado cultural e por isso passivo de crítica. É nessa obra em que a autora discute a construção social da mulher e as funções que foram criadas para ela, como exemplo, a maternidade. O fim da obra é a proposta de que a mulher pode ser livre, fazer-se livre.

Esses escritos de Beauvoir representam naquele contexto suas lutas, seus embates e as tensões que acabaram criando para ela uma dada visibilidade. Em uma sociedade em que a guerra tinha destruído os sonhos nacionalistas, uma sociedade marcada pelas memórias da dor, da perda, momento também em que as mulheres começam a precisar trabalhar fora de casa, o discurso da autora acaba sendo visto por

uma parte das mulheres como o exemplo de libertação. O éthos da autora e as escolhas pelo não-casamento, não-filho, amores contingentes, a escolha de ser mais pública do que privada, enfim, o lógos junto ao éthos agrada parte do phátos francês e de outras culturas, excetuando a ala católica conservadora e alguns extremistas de esquerda que começaram a questionar a autora quando esta optou pela defesa da Argélia e não da França após a segunda guerra.

Simone de Beauvoir no momento em que escreve traz novos sentidos para o conceito de mulher e violência, ao mesmo tempo que faz o social perceber uma mulher que é educada culturalmente para assumir dadas passividades, mostra que numa sociedade imperialista a vítima não é apenas a nação estrangeira, o outro estrangeiro, mas a mulher, que é ensinada a assumir papéis de silêncios e uma condição natural que a oprime. Foi essa discursividade que despertou nos femininos do seu contexto, e de outros contextos, a luta e a busca pela libertação, a liberdade. Como uma existencialista, a autora primeiro fez ver os trilhos da violência contra a mulher, em seguida discutiu caminhos suaves de liberdade/ação, discurso ainda necessário e fundamental para uma sociedade que dita pós-moderna precisa ainda criar leis para punir os sujeitos que violentam mulheres, daí a atualização de Beauvoir e de sua obra **O Segundo Sexo**.

## BIBLIOGRAFIA

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. São Paulo: Linoart, Ltda, primeiro volume, 1949.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, segundo volume, 1980.

\_\_\_\_\_. **Memórias de uma Moça bem Comportada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. *A Convidada*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

\_\_\_\_\_. **O Sangue dos Outros**. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1969.

\_\_\_\_\_. *Todos os Homens São Mortais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

\_\_\_\_\_. *Pyrrus et Cineas*. Porto Alegre: Gallimard, 1944.

\_\_\_\_\_. *Por uma Moral da Ambiguidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

\_\_\_\_\_. *América Dia a Dia*. Lisboa: Arcádia, s/d.

BUTLER, Judith. **Fundamentos Contingentes: Os Feminismos e a Questão do Pós-Modernismo**. Cadernos Pagu, São Paulo, Campinas: UNICAMP, 1998.

CHAPERON, Sylvie. **Auê sobre O Segundo Sexo** In\_\_ Cadernos Pagu – Simone de Beauvoir e os Feminismos do Século XX. São Paulo, Campinas: UNICAMP, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Loucura, Literatura e Sociedade** In\_\_ Foucault - Problematização do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos e Escritos)

\_\_\_\_\_. **A Linguagem ao Infinito; Debate sobre o Romance; O que é um Autor?** In\_ Foucault - Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Coleção Ditos e Escritos).

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Três Facetas de uma Escritora** In\_\_ Cadernos Pagu – Simone de Beauvoir e os Feminismos do Século XX. São Paulo, Campinas: UNICAMP.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado - contribuição à Semântica dos Tempos Históricos**. Rio de Janeiro: Editora, PUC, 1979.

MEYER, Michel. **A Retórica**. São Paulo: Ática, 2007. (Série Essencial)

PERROT, Michele. **Escrever uma História das Mulheres – relatos de uma Experiência**. Cadernos Pagu. São Paulo, Campinas: Unicamp, 1995.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. **A Passagem de Sartre e Simone de Beauvoir**. Campinas, SP: Mercado de Letras: São Paulo: Fapesp, 2002.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Um Diálogo Possível entre Margaret Mead e Simone de Beauvoir In\_\_Um Diálogo com Simone de Beauvoir e Outras Falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000. (Coleção Bahianas; 5).